

---

## O conceito de linguagem em Nietzsche na obra “*Escritos sobre Retórica*”

Nietzsche's concept of language in “Rhetorical writings”

Laura Elizia Haubert

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Católica de São Paulo

**RESUMO:** A obra *Escritos sobre Retórica* é um dos textos menos estudados pelos intérpretes de Friedrich Nietzsche. Isso em razão do texto não ter sido escrito para ser publicado, como as obras oficiais, mas por ser uma reunião das notas que Nietzsche utilizava para dar aulas durante sua estadia na Universidade da Basileia. Não obstante, é um dos textos que dá maior auxílio para a compreensão do tema da linguagem no filósofo alemão. O presente artigo visa compreender estas notas a partir de uma exposição ampla de seu contexto de produção, para, em seguida, expor o problema sobre o qual Nietzsche se dedicava e, por fim, investigar especificamente o tema da linguagem e da metáfora e seus significados e conceitos nesta obra.

**Palavra-Chave:** LINGUAGEM; RETÓRICA; METÁFORA; TROPOS.

**ABSTRACT:** The work *Writings on Rhetoric* compose one of the texts less studied by the interpreters of Friedrich Nietzsche. This was largely due to the condition of the text which was not composed to be published as the official works, but which is rather a meeting of the notes that Nietzsche used to teach during his stay at the University of Basel, notwithstanding this condition. Is one of the most helpful works for understanding the theme of language in the German philosopher. The aim of this article is to understand these notes from a broad exposition of their production context, following the problem of the philosopher and the specific theme of language and metaphor and their meanings and concepts in this work.

**Keywords:** LANGUAGE; RHETORIC; METAPHOR; TROPOS.

## INTRODUÇÃO

### A Obra *Escritos sobre Retórica*

A retórica floresceu na antiguidade grega e romana. Foi bem recepcionada durante o Renascimento e os séculos XVII e XVIII, com fases de decadência e esquecimento entre estes períodos. No século XIX, sobretudo na Alemanha, excetuando-se alguns poucos estudiosos interessados, a retórica não foi um campo acadêmico fértil. Em grande parte, foi substituída pelos novos estudos de linguística comparada,

---

origem da linguagem, línguas orientais e filosofia da linguagem (EMDEM, 2005).

Um dos poucos acadêmicos alemães interessados no tema da retórica foi Gustav Gerber<sup>1</sup>, especialmente sobre o papel da retórica na composição e desenvolvimento da linguagem. Por meio das leituras de Gerber, Nietzsche desenvolveu interesse pelo tema da retórica como relação com a linguagem e a arte (EMDEM, 2005).

Nietzsche conhecia as obras clássicas de retórica de autores como Aristóteles e Cícero. No entanto, sua maior influência no tema parte de autores contemporâneos a ele. Segundo Blair e Gilman (1989), durante a sua estadia como professor de filologia na Universidade da Basileia, onde lecionou até o ano de 1879, Nietzsche preparou vários cursos de retórica (pelo menos nove). Contudo, a maioria deles não chegou a ser ministrado, devido ao número insuficiente de alunos inscritos.

A obra *Escritos sobre Retórica* reúne as notas elaboradas por Nietzsche para seus cursos.<sup>2</sup> Não formam um livro no mesmo sentido que outras obras do autor, como *O Nascimento da Tragédia ou Humano, demasiado humano*; são, antes, acúmulos e paráfrases das leituras sobre o tema.

A reunião das notas foi publicada após sua morte e, hoje, compõem uma obra, não obstante elas não atendam ao que os estudiosos do autor chamam de obras oficiais, seguindo as obras publicadas e polidas por Nietzsche em vida.<sup>3</sup> Apesar de não se partilhar

---

<sup>1</sup> A relação entre Nietzsche e Gustav Gerber merece uma pesquisa a parte. Gerber foi figura central para a formulação de Nietzsche dos conceitos de *Metáfora* e de *Retórica*, trazendo a linguagem para o campo da arte.

<sup>2</sup> Por uma questão de metodologia utilizou-se da tradução espanhola realizada por Santiago Guervós, que se julgou mais fiel e completa. As traduções de Guervós no espanhol foram mantidas no decorrer do texto, os demais textos e comentadores utilizados de outras línguas foram todos traduzidos pela autora.

<sup>3</sup> A questão a respeito da consideração dos textos abrange três posições: (i) a que segue as interpretações de Heidegger que contemplam como verdadeira filosofia nietzschiana seus textos e fragmentos não publicados, (ii) a posição de Derrida, que considera ambos os trabalhos, publicados e não-publicados, com igual importância para a compreensão do autor e, ainda, (iii) vertente assumida por Clarke, Kaufmann, Alderman e Magnus, que aceitam os livros publicados e revisados por Nietzsche como fontes superiores às demais. *Comentários e comparações das posições* podem ser encontrados em Clark (1990).

---

da visão de Heidegger sobre qual seria a verdadeira filosofia de Nietzsche, optou-se por trabalhar com esta obra.<sup>4</sup>

Na perspectiva de Lopes (2006), o caminho seguro para compreender as obras de Nietzsche consiste, primeiramente, em se desfazer de uma noção sistemática ao extremo dos trabalhos do autor, e, a seguir, atentar-se aos diferentes graus de desenvolvimento de cada produção e fragmentos, publicados ou não.

A importância das notas de Nietzsche sobre o tema da retórica e da linguagem recebeu maior atenção de seus comentadores nos últimos anos, em conformidade com as concepções apresentadas, devido a uma característica que as diferencia das demais: o texto é claro e destituído de tantas imagens alegóricas, ao contrário de outros textos do autor. A preocupação com a clareza é, por si só, um componente a favor dos estudiosos desta obra.<sup>5</sup>

Em razão dessa clareza dos apontamentos do autor, que se mostram bastante pontuais, a obra serviu de guia a partir da sua linha

---

<sup>4</sup> A importância de Heidegger deve ser levada em consideração no que tange aos primórdios da interpretação acadêmica de Nietzsche. Conforme Lopes (2006, p.29), “A popularidade de Nietzsche nas duas primeiras décadas do século XX já era enorme (cf. as anedotas acerca dos soldados alemães da Primeira Guerra Mundial, que teriam adotado o Zaratustra como uma verdadeira bíblia), mas sua obra ainda não havia encontrado junto ao público da filosofia acadêmica nenhuma repercussão digna de nota. Se analisarmos a história da filosofia no período de 1880 a 1930, dificilmente encontraremos uma referência à sua obra que vá além de um aproveitamento circunstancial, a título de ilustração. Nenhuma influência maior, nenhuma inquietação. [...] De repente, no mesmo período em que a obra de Nietzsche estava sofrendo a sua mais violenta deturpação - ao ser colocada a serviço da ideologia nacional-socialista -, Heidegger decidiu romper o silêncio mantido até então pela filosofia acadêmica. Durante mais de quinze anos ele se dedicou à leitura e à exposição exaustivas da obra, ao mesmo tempo em que preparava um lugar de honra para Nietzsche na história da filosofia ocidental. [...] Sem entrar no mérito da interpretação heideggeriana de Nietzsche, gostaríamos de chamar a atenção para dois fatos marcantes nesse momento da recepção da obra. Primeiramente, para o fato de Heidegger ter sido um dos responsáveis pela introdução definitiva de Nietzsche na pauta de discussões da filosofia continental acadêmica. [...] Em segundo lugar, e isso é o que nos parece mais significativo em relação às estratégias heideggerianas de apropriação da obra de Nietzsche, não devemos nos esquecer de que Heidegger impôs um preço para que o criador do Zaratustra pudesse ser levado a sério por filósofos profissionais: esse preço consistiu num semidesprezo pelas obras publicadas por Nietzsche.”

<sup>5</sup> A clareza das notas é um fator importante para o estudo pois, como retratou Fink (1983, p.10-12), “Nietzsche escondeu mais do que expôs a sua filosofia.” Ele foi ‘De todos os que se ocultam, eu sou o mais oculto’, disse Nietzsche a respeito de si próprio. É para nós talvez mais difícil compreender o filósofo, porquanto esse é precisamente o verdadeiro Nietzsche. Dissimular a sua natureza essencial tornou-se em Nietzsche uma paixão; ele gosta de uma maneira inquietante do disfarce, da mascarada, da charlatanice.”

---

de pensamento, sucedendo, um capítulo sobre a linguagem, com um capítulo posterior sobre figuras de linguagem. Contudo, tentou-se manter fiel às suas exposições.

O assunto da retórica aparece nas notas de Nietzsche, ao menos nas coletadas para o estudo, intercaladas com o problema da origem da linguagem, mais propriamente de qual a natureza da linguagem. Porém, conforme observou Emden (2005), o primeiro interesse de Nietzsche no tema da retórica tratava da relação de oposição na antiguidade entre retórica e filosofia. Durante esta primeira aproximação, Nietzsche se dedicou ao estudo dos filósofos pré-socráticos e dos sofistas retóricos.<sup>6</sup>

Nietzsche voltou sua atenção para a retórica para trabalhar o tema da linguagem após Gerber. Entretanto, nem todos os comentadores do autor concordam a respeito do nível de influência que Gerber exerceu sobre Nietzsche, tendo em vista que, como ressaltou Crawford (1988), a ideia geral da linguagem e de sua abordagem é anterior a Gerber, remontando às leituras de Kant, Schopenhauer, Lange e Hartmann.

Schopenhauer é uma das figuras mais influentes no pensamento de Nietzsche. Contudo, nos textos da retórica, a atenção se voltou principalmente a Gerber e sobretudo no que tange a duas questões: primeiramente, o impulso de conhecimento sobre a linguagem e, em segundo lugar, a influência do estilo aforístico, que irá se acentuar no período seguinte do pensamento do autor.

Na visão de alguns estudiosos, como Lacoue-Labarthe (1993), pode-se dizer que, em um primeiro momento, o interesse que Nietzsche desenvolveu pelo tema da retórica é meramente acidental. Deriva de sua leitura da obra de Volkmann sobre retórica grega e romana e de Gerber. Antes disso, a retórica não era um tema que o preocupava muito, e quando ele usava a palavra, era, em geral, para contrapor um sentido moderno com a antiguidade.

Ainda de acordo com Lacoue-Labarthe (1993), ocorreu um fenômeno interessante no estudo de Nietzsche sobre retórica. Ele

---

<sup>6</sup> Nietzsche também se interessa pelos escritos de Aristóteles sobre a retórica, sobretudo graças ao fato do estagirita “integra a retórica à filosofia, e a concepção filosófica de retórica de Aristóteles influenciou profundamente a crítica retórica de Nietzsche sobre o pensamento filosófico, embora de maneira frequentemente oculta e indireta” (EMDEN, 2005, p.25). A influência aristotélica, no entanto, é um tema que carrega controvérsias entre os comentadores do filósofo. Para Blair e Gilman (1989), por exemplo, Aristóteles é, de fato, uma figura importante entre as leituras de Nietzsche, contudo, é da retórica romana, especialmente de Cícero que derivam suas verdadeiras preocupação e ênfase.

---

realizou, durante os anos de 1872 e 1873, diversas leituras e pesquisas sobre o tema; acumulou notas e escreveu rascunhos e preleções sobre. No entanto, embora seja um assunto central, ele não perdurou por muito tempo, e certamente não aparece nas obras que sucedem, exceto na Verdade e Mentira no sentido Extra-Moral.<sup>7</sup>

A respeito dos dois anos de leituras e pesquisas sobre a retórica realizadas por Nietzsche, vale destacar:

Nietzsche afastou o estudo da retórica das técnicas de eloquência e persuasão (*Beredsamkeit*), tornando-as dependentes de uma teoria anterior de figuras de linguagem ou tropos. As notas contêm explícita discussão de pelo menos três tropos: metáfora, metonímia e sinédoque e anunciam a intenção de Nietzsche de seguir isto com uma taxonomia de tropos que incluiria catacrese, alegoria, ironia, metalepsia, etc. Eloquência e estilo são uma forma aplicada e derivada da teoria das figuras. [...] (DE MAN, 1974, p.34).

Nas notas sobre a retórica de 1872/1873, observou-se que Nietzsche realizou uma mudança no foco nos seus estudos no que diz respeito aos temas retóricos. Se primeiro lhe interessava a eloquência e a persuasão, estes assuntos passaram a um segundo plano. Frente a elas, ascendem os tropos e as figuras de linguagem como captadores de sua atenção.

O interesse de Nietzsche se desenvolve na direção da compreensão da teoria dos tropos e das figuras de linguagem que, em última instância, representam a linguagem, como é o caso da metáfora, da metonímia e da sinédoque, as três que receberam. Embora não sejam as únicas, também é possível citar figuras como a alegoria ou a ironia (na lista elaborada pelo próprio autor são mais de trinta ao todo).

Essa mudança de foco realizada por Nietzsche está em conexão com suas leituras. Para Kopperschmidt (1999), para desenvolver suas ideias novas sobre linguagem e retórica, era preciso não apenas que Nietzsche tivesse realizado as leituras tradicionais, mas que ele as fizesse de um modo completamente pessoal e diferente dos demais. Dito de outra forma, Nietzsche lia de forma diferente os livros

---

<sup>7</sup> Nas palavras de Lacoue-Labarthe (1993, p.17) “Então a retórica é uma descoberta. E Nietzsche imediatamente encontrou nessas leituras o pretexto (e o texto) para um curso dado durante o inverno em meados do mesmo ano 1872-1873”.

---

de filologia e também os clássicos, e uma comparação com seus colegas demonstra isso.

Em suma, a mudança de Nietzsche em seu conceito de retórica e em seus estudos nas preleções de 1872 é uma preparação para que no ano seguinte ele pudesse desenvolver um trabalho tão peculiar quanto Verdade e Mentira no sentido Extra-Moral, mas este só pode ser completamente compreendido junto ao solo da retórica e de sua primeira mudança de interesses (DENAT, 2012).

Os Escritos sobre Retórica são divididos em dezesseis capítulos, que reconstituem os estudos da retórica em diferentes perspectivas. Nesta pesquisa, utilizou-se, sobretudo, o primeiro capítulo, sobre o que é a retórica, e o terceiro, que trata da relação entre retórica e linguagem. Em resumo, as notas de retórica são essenciais para compreender o tema da linguagem.

## O Problema da Obra

Partindo da concepção de González Porta (2007) de que a pesquisa filosófica é constituída, em seu núcleo de problemas e soluções, buscou-se estabelecer quais seriam os problemas que Nietzsche procurava solucionar ou expor ao escrever suas notas sobre a retórica. A partir da leitura das anotações de preleções, observou-se que o filósofo abrangeu nos capítulos selecionados as seguintes indagações<sup>8</sup>:

(I) O que é a retórica?

(II) Qual a essência da linguagem?

(III) Qual a relação entre retórica e linguagem? E a partir desta relação, qual a relação entre as figuras retóricas e a linguagem?

## A Linguagem em Escritos sobre Retórica

A virada para a retórica, como compreendem alguns intérpretes de Nietzsche, está centrada no desenvolvimento da problemática de origem da linguagem, mais especificamente, segundo

---

<sup>8</sup> A obra é constituída de 16 capítulos, no entanto, por uma questão de delimitação metódica, optou-se por abordar o problema a partir de dois capítulos que foram tomados como centrais.

---

Casares (2002), no apontamento segundo o qual os tropos não são meras figuras de linguagem, mas, antes, a própria natureza da língua.

Para desenvolver o tema das figuras de linguagem, as notas de Nietzsche partem de um conceito geral do que é a retórica entre os antigos (BARBOSA, 2016). Nietzsche se atenta a quatro características, que estariam na base da conexão entre gregos e retórica. São elas: (I) a preferência pela persuasão à instrução, (II) necessidade de eloquência como parte do sistema jurídico (III) o sistema republicano que acostuma os homens a suportar diferentes opiniões e (IV) destaque para a [doxa].<sup>9</sup>

Na antiguidade, a retórica não deve ser compreendida como uma mera ferramenta de persuasão utilizada por alguns oradores. Pelo contrário, em suas notas, Nietzsche (2000, p.81) se atém ao fato que ela é, antes, “(...) la suprema actividad espiritual del hombre político bien formado. ¡Una idea para nosotros muy extraña!”

Observa-se que logo na abertura do texto, Nietzsche estabelece uma relação entre a retórica e a política grega. Suas características de persuasão, eloquência e opinião estão presentes em um jogo que funciona tendo como núcleo o *agón* grego. Na concepção de Mota (2008, p.524), “O *agón* democrático, que se desenvolve com base na palavra, é uma espécie sublimada do *agón* físico, a luta corporal ou a guerra entre cidades-Estados.” Dito de outra forma, a retórica floresce entre os gregos como uma relação entre linguagem e poder.<sup>10</sup>

Essa luta entre linguagem e poder é o que leva Platão a se posicionar contra a retórica popular, segundo Nietzsche (2000). Este trabalha com um elo entre Platão e Aristóteles, os estoicos, e, também, a retórica romana, passando por diferentes definições e redefinições do

---

<sup>9</sup> Nietzsche está ciente de que sua posição de retomada do tema da retórica junto a autores como Gerber não constitui o senso comum do mundo acadêmico de seu período, ao ponto que ele escreve, no início da preleção, as diferenças entre a retórica para os modernos e os antigos. Estes tinham um gosto pela retórica, pela persuasão, enquanto entre os modernos há apenas desprezo e diletantismo. Para Lopes (2006), em verdade, ao apontar as diferenças entre modernos e antigos com um tom crítico para os contemporâneos, Nietzsche está não somente diagnosticando o desinteresse pelo tema retórico, como criticando-o, pois, este desinteresse gerou consequências como a escassez de estilo consciente entre os autores modernos.

<sup>10</sup> Nietzsche irá desenvolver mais tarde o tema da relação entre linguagem e poder, ou entre linguagem e vontade de poder, sobretudo na obra “Genealogia da Moral”. Em comentário ao tema, Paschoal (2005, p.78) escreve: “E a linguagem que surge no contexto do ‘anseio por poder de formação de domínio’, isto é, no contexto de uma interpretação, é, ela mesma, ‘uma maneira de expressão do querer-poder’”.

---

conceito de retórica que, não obstante, voltam-se constantemente ao núcleo da retórica como persuasão, um falar bem, além de uma conexão entre dialética e retórica.

O principal nesta primeira exposição de Nietzsche (2000) para a compreensão do problema da linguagem é a noção de retórica como persuasão, ou seja, como um método que busca dobrar a vontade do outro a partir de inserções que não seriam completamente naturais ao discurso. É justamente neste ponto que a discussão do terceiro capítulo, que trabalha a linguagem, é iniciada:

Llamamos a un autor, a un libro o a un estilo «retórico» cuando observamos en ellos un uso constante de artificios (Kunstmittel) del discurso; y esto siempre con un matiz peyorativo. Pensamos que estamos ante algo que no es natural y tenemos la sensación de que es algo forzado. Obviamente, depende mucho del gusto del que juzga y de lo que para él es exactamente «natural». En general, toda la literatura antigua, y sobre todo la literatura romana, nos parece a nosotros, que manejamos la lengua de una manera groseramente empírica, como algo artificial y retórico. Esto se explica, en última instancia, por el hecho de que en la Antigüedad la prosa propiamente dicha era en parte un eco del discurso oral y se formaba según sus propias leyes; mientras que nuestra prosa se ha de explicar cada vez más a menudo a partir de la escritura, y nuestro estilo se presenta como algo que ha de ser percibido a través de la lectura. Pero el lector y el oyente demandan cada uno una forma de representación absolutamente diferente y por esta razón la literatura antigua nos suena como «retórica»: es decir, se dirige en primer lugar a nuestro oído para seducirlo. Los griegos y los romanos tenían extraordinariamente desarrollado el sentido del ritmo; para ellos escuchar la palabra hablada era siempre ocasión de un formidable ejercicio continuo. La situación es aquí análoga a la de la poesía – nosotros conocemos poetas literarios, los griegos conocían una verdadera poesía sin la mediación del libro. Nosotros somos mucho menos brillantes y más abstractos (NIETZSCHE, 2000, p.90).

Nietzsche (2000) expõe o tema da linguagem e da retórica a partir de uma exposição da forma como os modernos compreendiam que um autor ou obra seria retórico. Basta identificar o discurso com



---

um estilo repleto de artifícios, o que leva a uma condenação pejorativa de alguma obra ou pensador.

Frente a esta exposição, o que se nota é a importância concedida ao contexto cultural de cada povo, como pontuou Nietzsche (2000). Os leitores modernos, os gregos e os romanos se diferenciam por seu contexto, por suas preferências e pelo modo que utilizam o ritmo e a retórica, inclusive devido ao meio de perpetuação de seu conhecimento ser principalmente oral. Também sobre a retórica, há um apontamento sobre o tema do gosto e da percepção derivados de cada modo diferente. Aos ouvidos modernos, as palavras gregas soam preenchidas de retórica, ao passo que os modernos ampliam a abstração e reduzem o brilho das frases produzidas.

Segundo Lopes (2006), o que o filósofo alemão se propõe é realizar um exercício que trabalhe com as sensações em diferentes períodos da história humana:

Nietzsche chama nossa atenção para o fato de que o conceito de 'natural' muda historicamente, de que nossa sensibilidade é historicamente constituída e que, portanto, é preciso contextualizar o uso que fazemos deste conceito (LOPES, 2006, p. 53)

E, de acordo com Barbosa:

a crítica de Nietzsche incide em destacar que aquilo que é considerado como 'próprio', como 'linguagem própria', 'natural', é nada menos do que uma consideração de 'natural' determinada pelo seu 'uso' (BARBOSA, 2016, p. 265).

Ou seja, Nietzsche, de alguma forma, está retomando uma discussão que vinha da antiguidade, desde Aristóteles e Platão, sobre a linguagem como natural ou convencionalizada. Além da discussão convencionalista sobre a linguagem, Nietzsche está interessado na capacidade consciente e inconsciente da linguagem. Como escreveu Crawford (1988), isto ocorreu devido à influência das leituras de autores como Hartmann.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Observa-se, na declaração seguinte, vestígios da fase anterior da linguagem. No texto Nas origens da Linguagem, no qual Nietzsche se ocupou com a relação consciente/inconsciente da linguagem, para Crawford (1988, p.130), "Seguindo Hartmann, Nietzsche divide a linguagem em duas partes: a linguagem consciente e os aspectos formais inconscientes da linguagem. Linguagem é um instinto inconsciente nos

---

Nietzsche expõe esse interesse consciente/inconsciente nas suas anotações:

Sin embargo, no es difícil probar con la luz clara del entendimiento, que lo que se llama «retórico», como medio de un arte consciente, había sido activo como medio de un arte inconsciente en lenguaje y en su desarrollo (NIETZCHE, 2000, p.91).

O interesse de Nietzsche está concentrado, aqui, nas dimensões da linguagem como consciente e inconsciente com relação à arte, e na utilização destes conceitos como crítica. Na visão de Casares (2002, p.13), essa visão da retórica e da arte inconsciente visa demonstrar que “se deve conceber a retórica como algo a mais do que uma arte do ornamento discursivo.”

A retórica é um importante componente no desenvolvimento da linguagem. Ela está conectada com a linguagem de um modo inconsciente: “[...] devemos considerar essa retórica como um tipo de força motriz inconsciente inerente a todas as línguas e responsável por seu desenvolvimento dinâmico” (EMDEN, 2005, p.45).

O que Nietzsche está realizando nestas afirmações da abertura do capítulo é a separação do estudo da retórica como técnica de eloquência e como ferramenta de persuasão. Suas considerações visavam atingir a linguagem e os tropos, demonstrando-os como elementos mais elementares e inconscientes do homem (De Man, 1996).

A valorização da retórica está na base do movimento de Nietzsche para estabelecê-la como a natureza da linguagem:

(...) e incluso que la retórica es un perfeccionamiento de los artificios presentes ya en el lenguaje. No hay ninguna «naturalidad» no retórica del lenguaje a la que se pueda apelar: el lenguaje mismo es el resultado de artes puramente retóricas.” (NIETZCHE, 2000, p.91).

A linguagem não possui nenhuma naturalidade que pertença à sua essência, como pensavam alguns filósofos da corrente naturalista. Ao contrário, tudo nela nasce a partir das artes retóricas. A linguagem

---

seres humanos. O instinto é um e com o mais íntimo cerne do ser. A linguagem é a unidade mais fundamental do ser humano”.

---

---

é, em sua essência, a mais primitiva retórica, ou seja, ela é uma arte, antes que uma invenção (NIETZSCHE, 2000).

A asserção de Nietzsche de que a linguagem nada mais é que o resultado da retórica, não apenas é fruto de suas leituras de Gerber, como funciona brilhantemente como uma ferramenta que lhe permite desconstruir a possibilidade epistemológica por meio da linguagem (Barbosa, 2016).<sup>12</sup> Dito de outro modo, Nietzsche critica a linguagem para criticar as próprias bases da pretensão de conhecimento:

Essa definição encapsula muito do entendimento de Nietzsche sobre o empreendimento retórico e, como tal, dá-lhe um ponto de partida para uma crítica mais rigorosa da linguagem e da filosofia. O aspecto central dessa passagem é que a retórica não representa um uso artificial da linguagem e que a linguagem é sempre latentemente retórica. Quando usamos a linguagem de alguma maneira particular, devemos confiar em recursos retóricos. Isso significa que todo ato de fala é em si um fenômeno retórico: persuadimos, contamos uma história, acusamos, tentamos nos mover, buscamos agradar, usamos ironia, aconselhamos, recomendamos, usamos expressões estrangeiras, ou falamos indiretamente, e todas essas ações refletem estratégias retóricas altamente complexas que são discutidas na maioria dos livros de retórica de Aristóteles a Quintiliano e além (EMDEN, 2005, p.45).

O apontamento de Nietzsche de que a linguagem é, em primeira instância, sempre retórica; aparece como pedra de toque da exposição de todas as anotações, porque, nesta passagem, Nietzsche aponta que a artificialidade não é um fator estranho na linguagem e por isso pejorativo. Ao revés, a artificialidade compõe a própria essência da linguagem em todas as ocasiões (EMDEN, 2005).

Uma vez que a própria linguagem é composta de retórica e artificialidade, não há nada, dentro da estrutura da língua ou de conhecimentos derivados da linguagem, que não tenha presente em seu âmago a retórica. A retórica, tal como descrita por Nietzsche, está presente em todas as comunicações realizadas pelo homem, seja numa persuasão argumentativa, seja numa história, acusação, ironia ou,

---

<sup>12</sup> Nietzsche utiliza a retórica como uma ferramenta para desmontar a epistemologia e qualquer pretensão de acesso à uma verdade última.

---

inclusive, conselhos e recomendações (EMDEN, 2005). A linguagem só existe enquanto fenômeno retórico; não há outra possibilidade.

Se a retórica está presente em todos os fenômenos linguísticos ou nos fenômenos que partem da linguagem, a intenção de Nietzsche era mais profunda que uma mera observação do seu caráter. De acordo com Kopperschmidt (1999, p.201), isto significa que “[...] Nietzsche usa a retórica para observar o pensamento em ação. Enquanto não for possível observar o pensamento neurofisiologicamente, essa estratégia parece bastante razoável.”

O cerne da preocupação de Nietzsche (2000) é a relação da retórica e da linguagem. Porém, também consiste na relação entre esta e a possibilidade de conhecimento ou do conhecimento de uma verdade última. Se a linguagem é retórica, como um conhecimento epistemológico verdadeiro se institui?

Na análise da filosofia de Nietzsche, a linguagem aparece como uma ferramenta de estudo e desmonte da epistemologia; na medida em que a epistemologia utiliza, e precisa usar, a linguagem, procedendo por meio dela, ela também é retórica (SCHRIFT, 1985). Isto implica que todas as questões filosóficas são, de alguma maneira, também questões de retóricas.<sup>13</sup>

O filósofo prossegue em sua exposição da retórica e da linguagem em relação à possibilidade de conhecimento das coisas:

El poder de descubrir y hacer valer para cada cosa lo que actúa e impresiona, esa fuerza que Aristóteles llama «retórica», es al mismo tiempo la esencia del lenguaje: este, lo mismo que la retórica, tiene una relación mínima con lo verdadero, con la esencia de las cosas; el lenguaje no quiere instruir sino transmitir (übertragen) a otro una emoción y una aprehensión

---

<sup>13</sup> Todas as questões acabam reduzidas à retórica porque todas, em alguma instância, dizem respeito antes à linguagem. Por isto, Santiago Guervós (2000, p.23) complementa: “Es decir, toda expresión lingüística es susceptible de ser reducida en sus elementos esenciales a su estructura retórica inherente. Con ello Nietzsche no sólo está afirmando la identidad estructural entre lenguaje y retórica, en cuanto que un lenguaje utiliza los mismos mecanismos que la retórica para hacerse una imagen del mundo, sino también está señalando una identidad de funciones entre lenguaje y retórica, en la medida en que un lenguaje obedece al mismo imperativo que la retórica. Parece como si aquí se hubiera producido una revolución estética, es decir, la proclamación de un cambio de fuerzas entre conocimiento y arte que finalmente significa el dominio de la retórica sobre la filosofía: los conceptos de conocimiento, verdad, conciencia son desplazados por el arte, lo único que hace posible la vida.”

---

subjetivas. El hombre que configura el lenguaje no percibe cosas o eventos, sino impulsos (Reize): él no transmite sensaciones, sino sólo copias de sensaciones (NIETZSCHE, 2000, p.91).

A linguagem, em sua essência primeira, não desenvolve nenhum comprometimento com a verdade, ou seja, ela não é o veículo que transmite a correspondência exata entre o mundo e um além transcendente.<sup>14</sup> Pelo contrário, qualquer papel a ser desempenhado pela linguagem só pode se ater a uma esfera subjetiva e individual, capacitada para lidar com sensações e emoções, não mais do que isto.

O que se destaca neste trecho de Nietzsche (2000) não é apenas a discussão sobre o caráter subjetivo e individual da linguagem. Antes disso, a definição de Nietzsche aponta para a concepção dos gregos sobre retórica e sua consequência na essência da língua, pois é justamente por via da persuasão e da força, que o mundo de um, passa a ser o mundo de todos.

Segundo Denat (2012, p.17), a retórica não é, para os gregos, uma técnica ou um conhecimento, mas um poder, uma [*dynamis*]: “Nietzsche traduz isso e a designa como uma força (*Kraft*) inerente à linguagem, que a torna naturalmente capaz de produzir um efeito de persuasão na audiência.”

Se a retórica é a natureza da linguagem, e a retórica é primeiramente uma força, uma persuasão, o que se deduz é que qualquer conhecimento dependente do uso da linguagem para se expressar será *a priori* uma ilusão, a [doxa], a opinião, e jamais uma ciência propriamente (Santiago Guervós, 2000).

No entanto, a [doxa] não diz respeito apenas à opinião:

A [doxa] marca não apenas a opinião de que sujeitos, grupos ou quaisquer outros coletivos sociais buscam persuasivamente manter os outros, mas aqui a [doxa] se torna uma característica do macro sujeito da própria linguagem. Isso significa que a [doxa] qualifica a opinião geral sobre o mundo de que as

---

<sup>14</sup> A crítica ao conhecimento e à verdade é uma crítica ao transcendente, na medida em que, como expôs Abel (2002, p.15): “‘Verdade’ é a palavra-chave da filosofia ocidental, que no âmago foi a metafísica. Atingir a verdade é uma meta pela qual são prometidas elevadas recompensas intelectuais, morais, religiosas e metafísicas. Por isso, a crise do conceito de “verdade” pode ser vista como a crise da metafísica mesma.” Nietzsche não deseja substituir o conceito de verdade metafísica por outro, mas questionar o próprio esquema da verdade.

---

peçoas – apesar de suas opiniões individuais – compartilham porque aceitam implicitamente essa opinião assim que o falante usa a linguagem e se move dentro do horizonte aberto pela linguagem. Em outras palavras, o homem só tem acesso radical ao mundo porque o homem e o mundo pertencem a ‘esferas absolutamente diferentes’.  
(KOPPERSCHMIDT, 1999, p.203).

Uma vez que Nietzsche compreende a retórica como base da linguagem e a força ou [doxa] como base da retórica, o que se tem é que a [doxa] se torna uma característica da própria linguagem. Ela não é mais a mera opinião, mas se torna o meio pelo qual todas as expressões são transpostas do individual ao coletivo; apesar de toda a subjetividade pressuposta, a linguagem atinge um nível de exteriorização comum.

O que esta transposição de esferas significa é que o homem e o mundo não pertencem às mesmas esferas (Kopperschmidt, 1999). É por isso que sua ligação só pode ser realizada pela linguagem, ou melhor, da retórica, da [doxa], de uma criação subjetiva e individual capacitada a saltar por esferas.

Na avaliação de Santiago Guervós (2000, p.24), o intento de Nietzsche é ressaltar que, apesar da retórica partir de uma esfera completamente individualizada onde cada ser cria sua [doxa] e, por consequência, a linguagem, seus impulsos, se transformam de individuais a comuns graças ao poder de persuasão, é “*la fuerza del convencimiento, que es lo que en realidad ha de jugar un papel esencial en nuestra percepción del mundo y en nuestra comunicación con los demás.*”

Essa afirmação de Nietzsche (2000), da linguagem como força e persuasão, levada às últimas consequências, significa que a linguagem nunca é neutra, ela nunca parte de uma suposta indiferença do mundo ou do indivíduo; a linguagem é, antes, uma possibilidade de conhecer que está interessada e atua a partir de poderes subjetivos (Denat, 2012).<sup>15</sup>

A noção de que o homem não partilha diretamente do mundo e de que a linguagem é a ferramenta mediadora aparece melhor desenvolvida na continuação das anotações de Nietzsche:

---

<sup>15</sup> Para Denat (2012), isto quer dizer que a linguagem também influencia no modo como se pensa, como se age, e, sobretudo, como se pode valorar qualquer ato ou ideal. Nietzsche, em outra fase de sua análise da linguagem, mais próxima dos anos finais, reformula e amplia esta noção.

---

La sensación, suscitada a través de una excitación nerviosa, no capta la cosa misma: esta sensación es representada externamente a través de una imagen. Pero hay que preguntarse, sin embargo, cómo un acto del alma puede ser representado a través de una imagen sonora (Tonbild). Para que tenga lugar una reproducción completamente exacta, ¿no debería antes todo ser lo mismo el material en el que debe ser reproducido que aquel en el que el alma trabaja? Sin embargo, puesto que es algo extraño – el sonido – ¿cómo puede entonces producirse algo más adecuado que una imagen? No son las cosas las que penetran en la conciencia, sino la manera en que nosotros estamos ante ellas, el *πιθανόν* [poder de persuasión]. Nunca se capta la esencia plena de las cosas. Nuestras expresiones verbales nunca esperan a que nuestra percepción y nuestra experiencia nos hayan procurado un conocimiento exhaustivo, y de cualquier modo respetable, sobre la cosa. Se produce inmediatamente cuando la excitación es percibida. En vez de la cosa, la sensación sólo capta una señal (Merkmal). Este es el primer punto de vista: el lenguaje es retórica, pues sólo pretende transmitir (*übertragen*) una *δόξα* (*doxa*), y no una *ἐπιστήμη* (*episteme*).<sup>46</sup> (NIETZSCHE, 2000, p. 91).

O que sucede na excitação nervosa, no impulso recebido, não é a captação das próprias coisas, ou seja, do mundo puro. É, antes, uma transposição desse impulso em imagem e depois em som e enfim como palavra. No entender de Nietzsche (2000), as coisas puras são incapazes de penetrar na consciência do homem; é preciso, antes, a retórica, a persuasão, e a [doxa] para que algo possa ser percebido.

Essa passagem da captação do mundo para o homem por meio da percepção e da persuasão se refere ao que Nietzsche (2000) nomeou no excerto acima de *übertragen*, ou seja, uma transmissão, uma tradução; a linguagem embasada na retórica é uma transposição do impulso em imagem e da imagem em imagem sonora.

Nietzsche, em uma passagem posterior, recria as bases da palavra *übertragen*:

Para designar la «transposición» (*Übertragung*) los griegos utilizaron primero (por ejemplo, Isócrates) la palabra *μεταφορά*; también Aristóteles. Hermógenes dice que entre los gramáticos se llama todavía *μεταφορά* a lo que los retóricos llaman *τρόπος*. Entre los romanos se adopta *tropus*; Cicerón todavía habla

de translatio, imutatio; más tarde se hablará también de motus, mores, modi (NIETZSCHE, 2000, p.107/108).

O termo utilizado pelo filósofo alemão possui uma história que se inicia com os gregos e passa pelos romanos. No entanto, o que chama a atenção é a possibilidade de intercâmbio entre a palavra transferência e a palavra metáfora. Nietzsche, ainda em suas notas, trata da linguagem como tropos, como retórica, porém desenvolve a perspectiva da metáfora com maior detalhe na obra seguinte, intitulada Verdade e Mentira no sentido Extra-Moral (que não será abordada).

A escolha do termo *übertragen* por Nietzsche não possui nada de aleatório ou inocente. Tampouco se deve apenas à história do termo. Ao contrário, o conceito demonstra seu conhecimento e envolvimento nas ciências do século XIX que floresciam na Alemanha. Em suma, essa capacidade da retórica de traduzir o mundo para o homem na linguagem, no entanto, também possui ressalvas:

Essa onipresença não implica que a retórica nos dá acesso direto à realidade ou que um sistema retórico resolve todos os nossos problemas com relação à linguagem – tais interpretações são geralmente muito rígidas e deixam de reconhecer que a linguagem não é um sistema fechado e estável, mas exibe uma estranha tendência a mudar e formar um número aparentemente infinito de vernáculos. Significa simplesmente que a organização retórica do conhecimento, percepção e linguagem pode ser considerada um fenômeno quase antropológico. Este é um ponto importante para Nietzsche. Ele afirma que vivemos em um mundo retórico, mas a natureza retórica da linguagem implica que ela não e refere à realidade de qualquer maneira direta e necessária. (EMDEN, 2005, p.45-46).

A capacidade que a retórica possui de conceder ao homem acesso à realidade merece atenção em dois pontos. Em primeiro lugar, o acesso não é direto, mas mediado pela criação do homem, por sua tradução. Dito de outra forma, a linguagem é um fenômeno antropológico. Em segundo lugar, a possibilidade de que se criem traduções do mundo mais rígidas; caso se tomem conceitos ou tomem significados comuns, não há garantias de que a linguagem seja estável



---

e segura. Ao contrário, ela é, antes, um movimento de tendências que se reformulam (EMDEN, 2005).

Uma vez que a linguagem é apenas tradução antropomórfica do mundo, a possibilidade de conhecer a realidade em si, ou o mundo puro, permanece vedada ao homem. Nietzsche, apesar de diversos problemas em sua argumentação neste ponto, é bastante consequente ao afirmar que nada pode ser conhecido a respeito das coisas em si mesmas.

As notas da preleção de Nietzsche parecem determinadas a colocar a retórica diante de um fim filosófico, uma tarefa de desconstrução de todas as pretensões que os filósofos alimentaram até então. Para Santiago Guervós (2000, p.15), o filósofo quis desmontar “la teoría del conocimiento tradicional sobre la que se fundamenta la metafísica y para potenciar el sentimiento artístico del lenguaje mediante el proceso de metaforización.”<sup>16</sup>

O poder da retórica para Nietzsche “deriva da retórica não só da natureza estética, mas também prática, ou mesmo antropológica” (Emden, 2005, p.52). Dito de outro modo, a retórica não é apenas um movimento estético de criação, de tradução do impulso, mas um movimento antropomórfico que ressalta a própria natureza do homem ao realizar essa projeção para compreender o mundo.

Uma vez que não se tem acesso por nenhuma via ao mundo puro e às experiências sem uma tradução antropomórfica e retórica de cada instante, como é possível que a retórica tenha perdido sua importância para os contemporâneos de Nietzsche? A resposta está relacionada a um caractere que está na essência da própria linguagem: o esquecimento.

Este assunto da memória e da linguagem é mais bem aprofundado na obra Verdade e Mentira em um sentido Extra-Moral. No entanto, pode-se esclarecer aqui:

(...) os homens são seduzidos pela gramática da linguagem que falam, e implicitamente acreditam que estão descrevendo o mundo quando, de fato, o mundo como eles o concebem é apenas um reflexo da estrutura de sua língua (DANTO, 1980, p.84).

---

<sup>16</sup> Esta crítica da metafísica por meio de uma crítica da linguagem é o que leva autores como Cloeren (1988) e Danto (1980) a lerem Nietzsche como uma das figuras que esteve no início da corrente analítica.

---

Nietzsche parece interessado na retórica devido às oportunidades de análise da linguagem que ela fornece (Kopperschmidt, 1999). A retórica possibilita uma visão privilegiada no desenvolvimento e consolidação da língua, sobretudo no que diz respeito às características que atendem a teoria dos tropos.

Concentrar-se-ão os esforços seguintes para compreender a teoria dos tropos, que é o segundo passo no estudo da linguagem a partir das anotações de Nietzsche sobre retórica:

Los artificios más importantes de la retórica son los tropos, las designaciones impropias. Pero todas las palabras son en sí y desde el principio, en cuanto a su significación, tropos. En vez de aquello que tiene lugar verdaderamente, presentan una imagen sonora que se evanesce con el tiempo: el lenguaje nunca expresa algo de modo completo, sino que exhibe solamente una señal que le parece predominante (NIETZSCHE, 2000, p.92).

Uma vez que a linguagem é retórica por essência, os artificios presentes no estudo retórico, nada mais são do que o desenvolvimento da própria língua. Esses artificios são conhecidos por tropos, como observou Nietzsche (2000), e são responsáveis pelo tom incompleto que marca as palavras, o vocabulário. A linguagem enquanto tropo nunca aparece completamente desvelada; algo se esconde e permanece assim misterioso.

Os tropos interessavam a Nietzsche além de seu entendimento meramente estético da linguagem, ou seja, não lhe interessa sua posição de ornamentos. O que chama a atenção do filósofo alemão é a estrutura figurada de que os tropos dão conta, tendo em vista que “A estrutura figurada não é um modo linguístico entre outros, mas caracteriza a linguagem como tal” (De Man, 1996, p.127). Dito de outra forma, a estrutura figurada é a linguagem em sua excelência.

A palavra tropos, que aparece nas anotações das preleções de retórica e, em seguida, desaparece substituída pelo termo metáfora, representa as “significações impróprias, de modo que não capta a essência das coisas” (Corbanezi, 2014, p.172). Deste modo, compreende-se tropo como a capacidade figurativa imprópria que a linguagem possui em seu âmago.

---

O tropo nasceu primeiro de uma necessidade básica. Não obstante, depois foi utilizado por sua estética. Nietzsche (2000, p.106) exemplifica esta passagem a partir do exemplo do vestido:

De la misma manera que el vestido ha sido inventado principalmente para proteger del frío y más tarde se utilizó para adomar y ennoblecer el cuerpo, así también el tropo surgió de la necesidad, pero luego fue usado a menudo para deleitar (NIETZSCHE, 2000, p.92).

A crítica maior de Nietzsche ao conhecimento epistemológico pode ser debatida frente ao valor que o tropo adquire na sua filosofia, uma vez que ele é uma figura de linguagem, e todo pensamento surge por meio da linguagem, ou seja, por meio de tropos; ele não é completamente racional (BARRETA, 2001).

Essa concepção de linguagem como figurada em oposição à linguagem literal é um dos contrapontos que Nietzsche (2000) realizou em suas anotações e o torna diferente de outros pensadores da tradição:

Ao mostrar que toda a linguagem é, por natureza, figurativa, Nietzsche não pretende simplesmente inverter a visão tradicional da primazia do status literal e derivativo do figurativo. Em vez disso, sua tentativa de revelar a distinção literal/figurada como uma ilusão é direcionada para abalar a segurança das bases linguísticas sobre as quais a filosofia, desde a sua criação, foi construída. Isto quer dizer que Nietzsche considera que a construção dos sistemas filosóficos do passado (Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, etc.) se embasam em uma fé inquestionável na primazia do literal, e abalar essa fé será um dos primeiros passos para dismantelar essas construções sistemáticas. O sucesso da desconstrução nietzschiana não permitirá que o filósofo escape de dentro das redes da linguagem; mas, facilitar essa fuga nunca foi sua intenção. Em vez disso, ao revelar a esperança de uma designação literal e uma relação natural adequada entre palavras e coisas irrealizáveis, Nietzsche dirige-se para a tarefa crítica de demonstrar que os filósofos não sabem o que pensam que 'sabem'. Entretanto, essa tarefa crítica não é de forma alguma restrita aos primeiros escritos de Nietzsche. De novo e novamente, ele retorna à tarefa de desmistificar as pretensões epistemológicas da filosofia (SCHRIFT, 1985, p.381-382).

A crítica de Nietzsche à linguagem não é somente uma inversão da visão tradicional onde a linguagem é literal e sobre ela se podem construir sistemas com segurança, como no entender de boa parcela dos filósofos, de Platão a Kant, mas é a afirmação de que em última instância não é possível, para o homem, escapar das redes inseguras e ilusórias da linguagem (Schrift, 1985).

Enquanto boa parcela dos filósofos buscava uma forma de assegurar a linguagem, de torná-la segura, Nietzsche não somente aponta a ilusão, mas sente-se confortável com a ausência de possibilidades de fuga; ele compreende o material artístico do qual a linguagem deriva. Nietzsche tratou deste tema por toda sua obra epistemológica, sendo os tropos um dos pontos de investigação.

Os tropos da linguagem compõem uma extensa lista.<sup>17</sup> No entanto, destaca Casares (2002), há três principais que representam melhor a estrutura figurada do discurso; são eles: metáfora, metonímia e sinédoque. A metáfora recebe mais destaque que as outras duas. Concentrar-se-á, por hora, nas três e em suas distinções:

Cuando el retórico dice «vela» en vez de «barco», «ola» en lugar de «mar» - a esto se llama sinédoque -, se introduce una «co-implicación» (Mitumfassen); sin embargo es lo mismo cuando δρᾶκον quiere decir serpiente, es decir, literalmente «el que tiene la mirada brillante», o bien cuando serpens designa la serpiente como aquello que reptar; pero, ¿por qué serpens no quiere decir también caracol? Se introduce una percepción parcial en lugar de la plena y completa visión. Por anguis el latín designa a la serpiente como constrictor, los hebreos la llaman lo que cuchichea o lo que se retuerce, lo que se entrelaza, lo que se arrastra (NIETZSCHE, 2000, p.92).

O primeiro tropo ao qual Nietzsche (2000) chama atenção é a sinédoque. Esta figura retórica é um tropo que trata da utilização da linguagem de maneira indireta, ou seja, quando se usa uma palavra em lugar de outra para se referir a determinado lugar ou objeto, como ao falar de velas quando se pensa em barcos ou de ondas no caso do mar.

<sup>17</sup>Nietzsche (2000, p.108) escreve que os antigos haviam estabelecido “*hasta 38 tipos de tropos, y más. Nosotros vamos a hablar la metáfora, sinédoque, metonimia, antonomasia, onomatopeya, catacresis, metalepsis, epíteto, alegoría, ironía, perfrasis, hipérbaton, anástrofe, paréntesis y de la hipérbole.*”

A sinédoque é um dos tropos mais comuns e também mais poderosos. No entendimento de Corbanezi (2014), a sinédoque é peça fundamental para que a linguagem nunca seja expressa de maneira completa, que algo permaneça subjacente, e, justamente por isso, possibilite intercâmbios entre palavras. A sua amplitude de trocas é o que possibilita à linguagem uma facilidade de passar de uma imagem a outra (da vela ao barco).

Não obstante, Nietzsche (2000) destaca que a utilização da figura de sinédoque é mais natural para os poetas que para os oradores, porque embora seja, em geral, verdade que se possa trocar uma palavra por outra que remeta apenas a algum sentido da anterior, isto não ocorre em todas as ocasiões.

Já a figura da sinédoque está profundamente relacionada com o modo pelo qual se concebe o conhecimento racional, já que o pensamento lógico é responsável por categorizar, objetivar e generalizar, deduzindo, de um mero signo, a coisa. Trata-se de um processo de abstração que simplifica, tomando uma parte como se fosse o todo.

Pode-se pensar em uma analogia entre a apreensão parcial dos objetos do mundo e a sinédoque, tal como Nietzsche expôs nas suas preleções na medida em que ambas são capazes de inverter qualidades, bem como dizem de uma parte como se o todo fosse (Lopes, 2006).

O filósofo alemão não concentra muitos esforços na figura da sinédoque. Prefere passar rapidamente para a segunda, e de maior importância, em sua abordagem geral nos textos de linguagem: a metáfora. Nietzsche primeiro estabelece o contorno do que seria a metáfora para em seguida dedicar-se a exemplificá-la:

La segunda forma del tropus es la metáfora. Esta no produce nuevas palabras, pero les da un nuevo significado. Por ejemplo, para una montaña se habla de cima, pie, espalada, gargantas, picos, vetas; πρόσωπον, rostro, en relación con νεός [barco] (neos) significa proa; χείλη, (xeile) los labios, en conexión con ποταμών [ríos] (potamos) significa las orillas del río γλώσσα (glossa), lengua, pero también la embocadura de la flauta; μαστός (mastos), seno, pero también significa la colina. Por lo tanto, la metáfora se muestra en la designación del género; genus, en sentido gramatical, es un lujo del lenguaje y una pura metáfora. Por consiguiente, una transposición (Übertragung) del espacio al tiempo «zu Hause» [en casa], «Jahraus» [durante todo el año]; la

---

transposición del tiempo a la causalidad: qua ex re, hinc inde [de dónde, hasta qué], Οθεν εἰς τι (othen eis ti) [entonces, hasta qué] (NIETZSCHE, 2000, p.92).

O segundo tropo, e provavelmente o mais importante para Nietzsche (2000), é a metáfora. A metáfora não cria novas palavras. No entanto, é a responsável por atribuir novos significados a antigas palavras. Deste modo, a linguagem é modificada, sem que as palavras em si sejam alteradas em sua grafia. Há, neste tropo da metáfora, um fluxo que permite a linguagem permanentemente se reconstruir e desconstruir.

Nietzsche se preocupa em expor um contraponto entre o conceito de metáfora por Aristóteles “metáfora es la transposición de una palabra cuyo significado habitual es otro” com a compreensão romana apreendida em Cícero, na qual a metáfora “es una comparación breve, y a sua vez la comparación es designada como (metáfora exagerada).” Em ambos há uma preocupação com o abuso das metáforas, porque esta “oscurece y hace el discurso enigmático” (2000, p.108-109).

O destaque para a metáfora ocorre porque ela não é um simples tropo como os demais, mas emerge como tropo primário por excelência: “Nietzsche nos permite indicar que a metáfora, em primeiro lugar, designa todas as formas de deslocamento, todas as formas de tradução ou mudança de significado e, portanto, todos os (tropos)” (DENAT, 2012, p.30).

O tropo da metáfora merece especial atenção porque ele é o começo, e, conforme escreveu Mattioli (2010, p.42), também por ser capaz de desempenhar o papel de um princípio de economia na linguagem, ou seja, a metáfora atua “como um conceito operacional capaz de descrever a pluralidade de substituições figurativas que ocorrem no interior da linguagem.”

A metáfora não atua somente como economia. É preciso que se observe que nos textos *Escritos sobre a Retórica e Verdade e Mentira* em um sentido Extra-Moral ela possui dois significados. O primeiro sentindo se ocupa com o fenômeno intralinguístico, no qual a metáfora desempenha sua função de tropo junto da sinédoque e da metonímia e outros, e para o qual Nietzsche dedica atenção nas anotações de retórica. O segundo sentido, e ao qual foi dada mais atenção na obra *Verdade e Mentira* em um sentido Extra-Moral, é a metáfora como transferência

criativa; neste, a linguagem metafórica é a responsável por conduzir o processo desde o estímulo nervoso até a linguagem.

Em ambos os casos, o que aproxima o conceito de metáfora é o fato dele ser a construção de similaridades entre duas coisas que não são similares. A construção ocorre pela transferência de significados. Dito de outro modo, a metáfora em Nietzsche (2000) é o tropo responsável por tornar a língua flexível.

De acordo com o comentário de Clark (1990, p.129), observou-se que a metáfora, enquanto agente produtor de similaridades, auxilia o homem a estabelecer sua relação com o mundo. Contudo: “As metáforas meramente convidam, dirigem, cutucam ou nos seduzem para perceber as semelhanças, muitas vezes dizendo algo que é literalmente falso ou sem sentido (‘Julietta é o sol’), mas algumas vezes apresentando uma verdade óbvia (‘Nenhum homem é uma ilha’).” Essa flexibilidade que a metáfora permite passa a ser entendida como um deslocamento onde o significado da palavra depende também do contexto e do seu uso, que se transmutam caminhando em direção a um contexto e uso que não lhe são comuns.

O que interessa na metáfora é que este tropo pode ser utilizado como modelo do modo pelo qual se reflete sobre o conhecimento, a maneira pela qual se envolve um fator que é semelhante a outro diferente para formar o campo visual, as ciências e todos os saberes que partem da linguagem (Clark, 1990).

Em suma, a operação mais básica é a metáfora: “Qual é a operação básica de todo mito, arte, política, religião e até mesmo ciência e lógica? Nietzsche pergunta. Sua resposta: eles são redutíveis à retórica. A retórica, por sua vez, é redutível à metáfora, tornando a metáfora a operação humana mais ‘básica’” (Murphy, 2001, p.21).

A metáfora foi mais bem explorada em seus significados e consequências na obra *Verdade e Mentira no Sentindo Extra-Moral*, na qual Nietzsche (2000) já não a trata apenas a partir da função de tropos, mas expande seu segundo significado abordado para dirigir todos os demais, trazendo-a para o centro de seu pensamento da linguagem.

A terceira figura de linguagem para a qual Nietzsche volta a sua atenção é a metonímia:

Una tercera figura es la metonimia, la sustición de la causa y del efecto; por ejemplo, cuando el retórico dice «sudor» por «trabajo», «lengua» (Zunge) por lenguaje (Sprache). Nosotros decimos «la pócima está amarga» en vez de «excita en nosotros una

sensación particular de esa clase»; «la piedra es dura» como si «duro» fuese algo distinto de un juicio nuestro. «Las hojas son verdes». A la metonimia le es imputable la afinidad de λεύσσω (leusso) y de lux, luceo; color (cubierta) y celare [ocultar]. μῆν (men) mensis, mânôt, [luna, mes] es «que mide», nombrado según un efecto (NIETZSCHE, 2000, p.92-93).

Ela é nada mais que a confusão da causa pelo efeito de acordo com Nietzsche (2000), ou seja, quando se refere a uma consequência ao invés da causa; ao se dizer suor ao invés de trabalho, pois o suor nada mais é que o efeito, não propriamente a causa.

Ainda para Nietzsche (2000, p.110), a metonímia não é somente a troca da causa pelo efeito, mas, antes, a “substitución de un nombre por otro, o también [intercambio, hipálage], ejus vis est, por e o quod dicitur, causam propter quam dicitur, ponere.” Deste modo compreende-se que qualquer troca de um nome por outro é uma forma de produção do *tropo* metonímia.

Para Nietzsche (2000, p. 110), a metonímia “tiene mucha fuerza en el lenguaje”; é responsável pela substituição e troca de substantivos abstratos e propriedades tanto no homem quanto do mundo ao seu redor. Por isto, ela se destaca junto a outras duas figuras (sinédoque e metáfora) como essencial na formação e compreensão da linguagem e do mundo.

A metonímia, como destacou Murphy (2001), é responsável por realizar uma divisão das palavras, e, por consequência, do mundo, na medida em que ela separa os termos da linguagem em duas esferas de agentes/atos, causas/efeitos ou, ainda, de substância/qualidades. Essa separação auxilia a reescrita do mundo e da própria realidade a partir da retórica e de seus tropos.

Em um de seus cadernos de anotações, do ano de 1872/1873, Nietzsche (2010, p.148, 19[204]) reflete sobre a metonímia ao pontuar que “Abstrações são metonímias, ou seja, inversões de causa e efeito. Mas todo conceito é uma metonímia e o conhecimento ocorre nos conceitos. A ‘verdade’ torna-se uma força, uma vez que a isolamos como uma abstração.”

A metonímia desempenha papel fundamental não somente nos tropos, mas, assim como a metáfora e a sinédoque, está profundamente relacionada com a concepção do conhecimento. Ela se relaciona, especialmente segundo Boredal (2010), com a natureza dos juízos sintéticos:



---

o tropo da metonímia é importante “porque a crítica de Nietzsche da origem das noções de causa e efeito, de verdade e valor moral, e mesmo do conceito de subjetividade estável e auto idêntica, utiliza a estrutura da metonímia como elemento desconstrutivo (Saldívar, 1984, p.20).

Ora, como destacou Murphy (2001), os três tropos nos quais Nietzsche se concentra (sinédoque, metonímia e metáfora) atentam para duas características que são comuns: a transformação e a relação com a criação do conhecimento. Em última instância estes tropos podem ser reduzidos ao conceito de *übertragung*, ou seja, são continuamente movimentos de transformação, de mudança e de ressignificação das palavras.

O filósofo alemão estava consciente do significado dos tropos para a linguagem:

In summa: los tropos no se añaden ocasionalmente a las palabras, sino que constituyen su naturaleza más propia. No se puede hablar en absoluto de una «significación propia», que es transpuesta a otra cosa sólo en determinados casos (NIETZSCHE, 2000, p. 93).

Os tropos, as figuras de linguagem, não são meramente ferramentas estéticas, são, *a priori*, a essência que constitui a natureza das palavras, de modo que, para Nietzsche (2000), o homem nunca fala de palavras com significados próprios ou absolutos, há sempre pelo meio as transposições, as mutações, o contínuo movimento de troca de significados ou de causa pelo efeito. O autor prossegue em sua averiguação sobre a relação dos tropos e das palavras:

De la misma manera en que hay una mínima diferencia entre las propias palabras y los tropos, también la hay entre el discurso normal y las llamadas figuras retóricas. Hablando con propiedad, todo lo que normalmente se llama discurso es figuración. El lenguaje es la creación de artistas individuales del lenguaje, pero lo que lo fija es la elección operada por el gusto de la mayoría. Sólo un pequeño número de individuos habla *σχήματα* [figuras], es su virtud en relación a la mayoría. Si ellos no llegan a imponerse, entonces cada uno apela contra ellos al usus común y habla de barbarismos y solecismos. Una figura que no encuentra destinatario es un error. Un error aceptado

---

por cualquier usus se convierte en una figura. El gusto por las nancias vale también para los Πήτορες [Τα ίσαγήματα](#) [retóricos, la misma figura], pensar en los παράωσις [cláusulas iguales] del Gorgias. Pero hay una gran disputa sobre el grado: donde uno está entusiasmado el otro siente errores desagradables. Lutero condena como palabras nuevas: beherzigen [ponderar], erpriesslich [provechoso]. Por tanto, son impuestas, lo mismo que furchtlos [intrépido], desde Simon Dach; empfindsam [sentimental], desde la traducción del Viaje sentimental de Yorik (1768); Umsicht [circunspección], como traducción de circumspectio de 1794; Leidenschaft [pasión], por πάθος desde Christian Wolff. Pero las formas de la enálage, hipálage y pleonasma son activas en el desarrollo de la lengua, de la frase; toda la gramática es el producto de lo que se llama figurae sermonis (NIETZSCHE, 2000, p.93).

Em seu último parágrafo de exposição da relação entre retórica e linguagem, Nietzsche (2000) retoma algumas de suas afirmações e se dedica a acentuar com maior ênfase o caráter de outras, no primeiro caso tem-se a discussão sobre as palavras e os tropos, de que todo discurso linguístico é um discurso figurado, criado por artistas. Contudo, quem seriam estes artistas? Os próprios falantes individuais da língua.

No segundo caso, Nietzsche (2000) acrescenta um novo acento em sua teoria, no que tange à relação entre a linguagem/indivíduo e a linguagem compartilhada socialmente. Se a linguagem consiste na criação e cada palavra transpõe o mundo de modo subjetivo, como é possível que os homens se comuniquem? A resposta de Nietzsche é a de que algumas das criações linguísticas, dos esquemas, migram do particular para o individual, tornam-se comuns e auxiliam no estabelecimento das relações.

Este final se dedica a enfatizar no seu pensamento sobre a linguagem:

(...) que essa linguagem só se torna possível dentro de uma comunidade de falantes que concordam com concepções comuns e significados de palavras, criando um sistema de linguagem relevante para aquela comunidade (CRAWFORD, 1988, p. 9).

Conclui-se diante do que foi exposto que a linguagem em Nietzsche abrange ao menos duas esferas de existência quando se trata de comunicação: a esfera subjetiva e pessoal, na qual as palavras são criadas, e a esfera objetiva e comunicativa, que sucede no seio da sociedade, onde a língua se torna enrijecida.

Assim, pode-se observar que, no texto dos Escritos sobre a Retórica a marca da influência de Gerber é perceptível das definições que Nietzsche compilou, porém, mais do que isto, é o texto em que modifica a linguagem como o autor vinha sendo entendido, não mais em termos de consciente/inconsciente, porém de arte e criação. Nestas preleções de retórica, contudo, observa-se um pensamento ainda em desenvolvimento, a metáfora se confunde com outros tropos e os tropos na própria retórica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEL, Günter. Verdade e interpretação. Trad. Claudemir Luís Araldi. **Cadernos Nietzsche**. n. 12, São Paulo, 2002. [Grupo de estudos Nietzsche.]

BARRETTA, João Paulo F. **O conceito de linguagem em Nietzsche e suas consequências**. [Dissertação de Mestrado sob orientação do Prof. Dr. Mario Ariel González Porta, apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. São Paulo: PUC, 2001.

CLARK, Maudemarie. **Nietzsche on truth and philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CLOEREN, Hermann J. **Language and thought: German approaches to analytic philosophy in the 18th and 19th centuries**. Berlin/New York: de Gruyter, 1988.

CORBANEZI, Eder. Sobre a concepção relacional de linguagem em Nietzsche. **Cad. Nietzsche**. Vol.1, n..34, 2014.

CRAWFORD, Claudia. **The beginnings of Nietzsche's theory of language**. [Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung]. Berlin/New York: de Gruyter, 1988.

---

DANTO, Arthur C.. **Nietzsche as Philosopher: An Original Study**. New. York: Macmillan, 1980.

DE MAN, Paul. Nietzsche's theory of rhetoric. **Symposium**: a quartel jornal in modern literatures. 28:1, 33-51, 1974.

DENAT, Céline. "To speak in images": the status of Rhetoric and Metaphor in Nietzsche's new language. In: CONSTÂNCIO, João; MAYER BRANCO, Maria João. **As the spider spins**: essays on Nietzsche's critique and use of language. Berlin/Boston: De Gruyter, 2012.

EMDEN, Christian J. **Nietzsche on language, consciousness, and the body**. University of Nietzsche. V. 3, nº 2, pp. 39-60, 2010. Illinois Press: Urbana and Chicago, 2005.

FINK, Eugen. **A filosofia de Nietzsche**. Tradução de Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Editorial Presença, Lisboa, 1993.

GONZÁLEZ PORTA, Mario Ariel. **A filosofia a partir de seus problemas**: didática e metodologia do estudo filosófico. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

KOPPERSCHMIDT, Josef. Nietzsche's rhetorical philosophy as critique of impure reason. In: BABICH, Babette E.; COHEN, Robert S. (editors) **Nietzsche, theories of knowledge, and critical theory**. Boston Studies in the Philosophy of Science. Kluwer Academic Publishers, 1999.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. **The subject of philosophy**. Translated by Thomas Trezise, Hugh J. Silverman, Gary M. Cole, Timothy D. Bent, Karen McPherson and Claudette Sartillot. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1993. [Theory and History of Literatura, vol. 83].

LOPES, Rogério Antonio. **Elementos de retórica em Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MATTIOLI, William. Metáfora e ficcionalismo no jovem Nietzsche. **Revista Trágica**: estudos sobre Nietzsche. V.3, n.2, 2010.

---

MOTA, Thiago. Agón, retórica e linguagem em Nietzsche. **Fragmentos de Cultura**, v.18, n.4, Goiás, 2008.

MURPHY, Tim. **Nietzsche, metaphor, religion**. Albany: SUNY – State University of New York Press, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre retórica**. Edición y traducción de Luis Enrique de Santiago Guervós. Madrid: Editorial Trotta, 2000.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **A genealogia de Nietzsche**. 2 ed. rev. Curitiba: Champagnat, 2005.

SALDÍVAR, Ramon. **Figural language in the novel: the flowers of speech from Cervantes to Joyce**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1984.

SANTIAGO GUERVÓS, Luis Enrique de. Introducción: el poder de la palabra: Nietzsche y la retórica. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre Retórica**. Edición y traducción de Luis Enrique de Santiago Guervós. Madrid: Editorial Trotta, 2000.

\_\_\_\_\_. Physiology and language in Friedrich Nietzsche: “the guiding thread of the body”. In: CONSTÂNCIO, João; MAYER BRANCO, Maria João. **As the spider spins: essays on Nietzsche’s critique and use of language**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2012.

SCHRIFT, Alan D. Language, metaphor, rhetoric: Nietzsche’s deconstruction of epistemology. **Journal of the History of Philosophy**, vol.23, n.3, pp.371-395, 1985.

STERN, J.P. Nietzsche and the Idea of Metaphor. In: PASLEY, Malcolm **Nietzsche: imagery and thought, a collection of essays**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1978.

Recebido em: 08/03/2018

Aprovado em: 07/11/2018